

A favor da corrupção

Recentemente, numa entrevista gravada, dei uma declaração que provocou surpresa e risos – e pouca indignação (o que sem dúvida diz alguma coisa sobre quem somos). Em meio das revelações da Lava-jato e Zelotes, entre tantas outras, que estão causando debates privados e manifestações públicas e midiáticas contra a corrupção, a conversa, que deveria ser sobre literatura, não conseguiu evitar o turbulento assunto da política brasileira. Sem refletir muito, a um determinado momento o meu interlocutor colocou, meio que afirmando: “Você é contra a corrupção?” Ele com certeza pensou que fazia uma pergunta retórica, para puxar assunto, mas, para surpresa sua e da plateia, ao contrário de responder o lugar-comum que todos, de forma sempre um pouco risível (porque no fundo pouco convicta, por demais enfática e irrefletida), respondem, eu disse: “Não, eu sou a favor”. Expliquei: a corrupção é tão entranhada no Brasil, tão parte da estrutura psíquica da nação, que ser contra ela é ser contra o país. Você pode gostar ou não da corrupção (em todos seus níveis e nuances) e seus efeitos, assim como pode gostar ou não de futebol, samba ou praia, mas não pode ser contra. Não dá para ser contra a corrupção: se ela se extinguir, acaba o Brasil. Somos corruptos, somos o país do jeitinho, do adultério, da propina, do levar vantagem, da sonegação de impostos. Não coloco aqui nenhum juízo de valor; e, de fato, sempre que a conversa vêm a tona, concordo (praticando cordialmente o lugar-comum, pois bebendo cerveja entre amigos ou não o brasileiro prefere o consenso e tende a reagir a toda discordância como ofensa pessoal) que os impostos são excessivamente altos, e o que o Estado nos devolve em serviços é irrisório (e que isso cria um círculo vicioso). A culpa é sempre dos outros, preferencialmente de uma entidade mais ou menos impessoal, como o governo ou as elites. As mesmas características que originam a corrupção estão na raiz de nossa flexibilidade, de nossa sensualidade, de nossa capacidade de viver em adversidade, da nossa tecnologia de gambiarras, que trazem tantas alegrias e tantas vezes dão certo. Reclamar da corrupção é sempre um pouco hipócrita, no caso de um brasileiro, e nessa reclamação escuto com frequência uma ponta de inveja (do sucesso da corrupção dos outros), e a sede de justiça é a sede de vingança. Portanto, no país do rouba mas faz, uma certa dose de ladroagem é

esperada nos políticos e nos altos administradores da máquina estatal ou do empresariado. Claro, exageros como os que vimos nos ex-diretores da Petrobrás, pelo próprio exagero (a cordialidade exige certa modéstia) causam indignação. Para que o Pedro Barusco, que parece um boa praça, precisava, afinal, de tantos milhões na Suíça? Quebrar a Petrobrás, é demais. Fazer da corrupção uma política de governo, é grave. Mas, mesmo com (ou se) isso, convivemos relativamente bem com essas práticas, e tendemos a considera-las como fatos da vida. Não há grandes clamores populares, e as notícias são tantas, tão frequentes e as cifras tão altas, que tudo acaba se esvanecendo numa névoa confusa, e o cidadão vai cuidar de sua vidinha. Acredita-se, até mesmo, que sem roubar um pouquinho o político, bom ou mau, não consegue fazer nada. Roubar é quase uma obrigação. Receber favores e presentes, algo incontornável. Um tríplice no Guarujá e um sítio em Atibaia é café pequeno, quase ossos do ofício. Mas o Lula é o Lula, afinal de contas, (esse inegável grande líder popular) porque é um verdadeiro brasileiro, uma encarnação da alma nacional. Lula é como Macunaíma, o herói sem caráter, o que não quer dizer que seja mau caráter, e sim, simplesmente, que não tenha um. Lula é um gênio político, camaleônico e pragmático, que desempenha o melhor e o pior das intenções do brasileiro. Mais liso que lambari ensaboadado, vai escapar dessa – e talvez seja mesmo melhor assim. A não ser, claro, que as negociatas dos seus filhos em transações com a Telemar e no caso Zelotes, ou a casa de praia que dizem que possui na República Dominicana, ou qualquer outra coisa do gênero (e a Veja e a Globo não vão dar trégua) ganhem proporções maiores que as esperadas. Surpresa mesmo eu sinto ao ver que a Lava-jato tenha chegado a tão longe. Mas até onde irá? Sinceramente, acredito em uma boa pizza no fim da rua. Acho que tudo, mais ou menos, ficará como está, com consequências limitadas (algumas pessoas do segundo escalão presas), como no caso do Mensalão. E ninguém neste país fica muito indignado ou indignado por muito tempo. A corrupção, desde que não destrua de vez a economia (mas o país é muito, muito rico), todo mundo aceita e pratica até certo ponto. Isso é o Brasil. Nós compreendemos e perdoamos a corrupção. O que não perdoamos, no Brasil (também como parte inerente a nossa alma cordial), é a arrogância. Não foi pelo Fiat Elba, nem pelas trapalhadas na economia, que Collor saiu, e sim porque tratou o congresso, e a sociedade

como um todo, com arrogância. Isso o brasileiro não aceita. Se Lula ou o PT ou ambos caírem (como, aliás, em grande parte já caíram), não será por terem sido corruptos (isso será apenas a justificativa), mas simplesmente por terem, apesar do muito de bom que fizeram pelo país, arrogantemente se colocado acima da lei e da verdade.